

A pratica da colheita do tabaco

H. H. MANCHESTER

Existem dois methodos geraes para colher o tabaco e collocar-o no seccadouro. Segundo um delles, as folhas são recolhidas uma por uma á medida que vão amadurecendo, e são arrumadas sobre varas ou cordões de sorte que possam ser penduradas no seccadouro; pelo outro methodo, as folhas não são separadas das hastes, mas sim se cortam as hastes rente ao solo para depois pendural-as no seccadouro com as pontas para baixo. Nem todas as folhas da planta amadurecem ao mesmo tempo, tendo esta de ser cortada, portanto, no momento exacto em que a maior parte das suas melhores folhas se encontram no ponto de madureza adequado. Isto faz com que seja necessario sacrificar um grande numero de folhas superiores e inferiores, porque quando as folhas centraes se acham convenientemente maduras, as primeiras encontram-se ainda verdes e as segundas em estado de madureza demasiado adiantado. Apesar de tudo isso, com este methodo economiza-se muita mão de obra. Em muitos casos, sabendo como pôl-os em pratica, ambos methodos dão excellentes resultados, e dahi que o agricultor tenha de resolver por si proprio qual é o que mais lhe convem adoptar, baseando-se para isso em diferentes condições locaes, taes como quantidade e qualidade da mão de obra, o espaço existente no seccadouro, e o valor relativo da colheita que vae ser curada. Nos Estados Unidos, uma grande parte do tabaco de alto preço é colhida separando das plantas as folhas, ou seja pelo que aqui chamam processo de *selecção*.

Se bem que qualquer destes dois methodos possa dar bom resultado, existe, sem duvida alguma, uma differença, relativamente importante, no rendimento e tambem na natureza do producto curado. Para comprehender a razão desta differença nos resultados que respectivamente se obtêm com cada um dos dois methodos, é mister lembrar que tanto as folhas como as hastes continuam vivendo por espaço de varios dias, ou até semanas, depois da colheita, dependendo isso do estado (humidade, etc.)

do seccadouro. Durante este periodo de inanição gradual, aquelles orgãos encontram-se em condições de continuar vivendo graças á reserva de substancia nutritiva armazenada, emquanto se produzia a maturação. A perda em peso de materia secca da folha, como resultado directo do processo de inanição, representa uns 12 a 20 por cento em ambos methodos.

Quando as folhas são curadas na haste, registra-se uma perda maior de peso por effeito de outra causa: emquanto a planta se encontra vegetando no campo, produz-se um movimento de materia nutritiva das folhas para a haste, sendo que a mesma coisa acontece tambem no seccadouro quando o tabaco é colhido mediante o corte das hastes. Quando as folhas são colhidas uma por uma, isso não acontece, está claro, porque aquellas já não se encontram adherentes ás respectivas hastes. O resultado disso é que as folhas *seleccionadas* têm uns 10 ou 12 por cento mais de peso do que as folhas curadas na haste. Tambem se tem verificado que se deixarem ladrões nas hastes quando se faz a colheita, a perda de peso nas folhas curadas (na haste) será ainda maior. Mas isso ainda não é tudo, porque, quando se separam primeiro da planta apenas as folhas inferiores, isso faz com que as que ficam para ser colhidas mais tarde se tornem maiores, com o que se consegue um augmento de 20 a 25 por cento, pelo menos, no rendimento do tabaco colhido por este methodo de selecção (“priming”).

A maior duração do periodo da cura e o movimento de materias nutritivas das folhas para a haste, quando a seccagem é effectuada na haste, affectam tambem a qualidade do tabaco. Em igualdade de condições, as folhas *seleccionadas* costumam conter mais do chamado “oleo” ou “mel”, maior elasticidade e maior espessura do que as curadas na haste.

Os factores que acabamos de enumerar applicam-se muito especialmente aos methodos empregados na colheita e cura do tabaco para fazer charutos. Em algumas regiões tabacinas dos Estados Unidos, acontece que a maior parte da haste se racha durante a colheita, o que encurta consideravelmente a sua vida no seccadouro, sendo que na cura por meio de calor artificial a vida da haste fica ainda mais reduzida devido ás temperaturas usadas, em consequencia do que ha muito menos

transferencia de materias nutritivas da folha para a haste. Nestas circunstancias existe menos differença no rendimento e qualidade entre o tabaco curado em folhas soltas e curado nas hastes ou ramos.

(La Hacienda, março, 1927)

Porque não cultiva na sua fazenda os nabos e as nabiças?

As nabiças e os nabos exigem clima temperado e algo humido.

Foi na Gran-Bretanha que a cultura dessas plantas primeiro tomou impulso, chegando a representar um decimo da área cultivada com cereaes.

Hoje em dia essas raizes forrageiras servem de elemento suplementar ao gado em muitas zonas de varios paizes onde se capricha na exploração animal.

São plantas que vegetam até tarde nos paizes frios, e, entre nós, se pode dizer que varam o anno. São bi-annuaes, dando raizes carnudas, esphericas, conicas ou chatas.

No anno seguinte ao em que foram plantadas dão hastes que florecem e onde se formam os frutos com sementes.

Deve-se escolher tempo chuvoso para a plantação, pois, a boa producção depende do desenvolvimento inicial da planta.

As nabiças e os nabos vêm bem em quasi todas as terras bem trabalhadas e que não encasquem demasiado, formando uma verdadeira crosta.

Nas terras arenosas como as da zona araraquarense e da Noroeste, terras de grande capilaridade, vêm esplendidamente

Os terrenos barrentos e os muito calcareos não convêm a essas plantas. Nos logares onde ha neblinas dão-se muito bem, tanto que na Inglaterra ha o ditado — «Terreno secco e ceu humido é o que os nabos querem».

Semea-se a lanço ou a machina em terra arada, bem gradeada e alisada por um arrastão.

Não entramos em minudencias de cultivacção apurada em leiras por ser coisa difficil de ser conseguida na nossa terra,

onde, em geral, quem planta este anno, aqui, nabos, alfafa ou café, no anno seguinte está plantando coisa muito differente na casa do diabo se nacional, ou se candidatando a cavalheiro, commendador ou conde, se estrangeiro.

Os melhores mezes para semear, entre nós, são os mezes chuvosos, devendo-se preparar a terra com boa antecedencia.

Terras de pasto ou de invernada aradas em Junho, encruzada a aração em Agosto, gradeada a primeira vez em Novembro e a segunda para semear em Dezembro, produzem muito bem. Não ha fazenda que não tenha um pasto velho destocado onde se possa experimentar cultivar essa ração acquosa de inverno.

As machinas para semear nabiças e nabos são especiaes para esse fim, as melhores são as inglezas. As antigas semeadeiras «Hornsby» semeiam duas ou tres linhas e podem distribuir ao mesmo tempo adubo pulverulento, como por exemplo o pó ou cinza de ossos. Se semeada a lança, o que não convem, passa-se o arrastão depois, sendo que no rasto dos animaes as sementes não nascem.

Para um alqueire de chão a quantidade de semente varia de 3 a 4 kilos. As linhas devem ficar distantes de 45 a 80 centimetros uma das outras, conforme a variedade.

Quando as plantazinhas têm 3 ou 4 folhas, isto è, uns 10 centimetros de altura, passa-se a carpideira.

Dahi a 3 ou 4 semanas dá-se outra passagem de carpideira. Nas duas vezes arranca-se, á mão, o matto que fôr crescendo entre as plantas e se raleia onde tiverem nascido muito amontoadas. Mesmo que sejam abaladas as plantas não faz mal. Ha um ditado francez que diz que os «nabos gostam de ser atormentados».

Nas linhas deixam-se as plantas espaçadas de 20 a 30 centimetros quando da segunda passagem da carpideira, indo adiante os catadores de matto, raleando tambem as plantas. Chega-se um pouco de terra á fileira, sem que fiquem abafadas as plantas. Nas terras muito humidas planta-se em leiras feitas com o arado.

Os nabos e as nabiças são perseguidos por varios insectos que em certos annos causam grandes prejuizos ou mesmo totaes. Para evitar a invasão desses insectos, logo que são perce-

bidos, dá-se uma pulverisação com cal extinta, como se faz nos algodoaes, com verde de Paris.

Na Inglaterra soltam-se os carneiros nos campos de nabos e nabiças.

A carneirada come a folhagem e as cabeças até raso á terra, e a parte que fica enterrada é arrancada e deixada no lugar, ou depois de picada, posta em lugar onde os carneiros vão comel-as, com uma ração de feno que é necessaria.

Pode-se ir colhendo as raizes á proporção das necessidades, mas se houver sobras, antes que comecem as chuvas são todas arrancadas, primeiro tirando as folhas para forragem, torcendo-as e depois sem ferir as cabeças, estas são abaladas com um ponteiro e arrancadas para serem collocadas em ranchos seccos e arejados, amontoadas em leiras de um metro de altura. Devem-se desprezar para a conservação todas as raizes machucadas ou defeituosas. Podem-se fazer leiras de raizes amontoadas, cobrindo-as muito bem, com sapé.

Na Inglaterra, por hectare, as colheitas, segundo a variedade e segundo corre o tempo, variam de 25.000 a 125.000 kilos, o que corresponde a 60.000 a 300.000 kilos por alqueire. A media é de 120.000 kilos por alqueire.

Quando se obtiver uma variedade que mostre «casar» bem com a terra e com o clima, no momento em que as raizes vão sendo arrancadas, escolhem-se as que vão servir de «mães» das sementes (1). Escolhem-se as bem conformadas, de um só pião e de tamanho medio, reparando na semelhança e na côr das folhas e nos pellos se nabiças, e no brilho se nabos. São postas nagua para vêr se não ha ôcas; as ôcas afundam devagar. Escollidas as raizes, cortam-se as folhas sem offender o colleto, collocando-as em lugar meio escuro, fresco e secco. Depois de seccas da lavagem são enterradas na areia secca com o colleto bem de fóra.

Isto só se fará entre nós se a colheita for feita em Maio ou Junho. Aqui se pode deixar um talho para colher as cabeças para «mães» em Julho, plantando-as em Agosto no canteiro de sementeira a um metro de distancia uma das outra, em lugar bem soalheiro, abrigado dos ventos.

A' proporção que as hastes crecem vão sendo amarradas em estacas para não tombarem, provocando o desenterramento das raizes.

Para colher as sementes, 4 a 6 mezes depois, cortam-se as hastes quando os frutos estão côr de castanha, pondo-os a secar á sombra em lugar bem arejado.

Depois de seccos são esfregados a mão ou batidos com varinhas flexiveis. As sementes conservam-se em estado de germinar por 3 e mesmo mais annos se bem acondicionadas, porem não é conveniente usar das de mais de 2 annos.

Observam-se que as plantas vão degenerando de anno para anno, é necessario comprar novas sementes da mesma proveniencia da primitiva.

Conforme a terra o clima e o cuidado na escolha das «cabeças mães» as gerações melhoram ou degeneram. O mesmo se dá com as beterrabas.

Antes de dar as nabijas e os nabos ao gado lavam-se as raizes, cortando-as depois em fatias ou pedaços. E' um bom alimento acquoso para vaccas e bois de trabalho ou de engorda, no tempo de pasto secco, principalmente para o gado estabulado alimentado a feno. Não é alimento de grande força nutritiva, dando, porem, firmeza á carne e facilitando a engorda.

Aos porcões e ás aves domesticas as raizes são dadas cozidas como se faz com a batata doce e o inhame.

Os cavallos e os burros acostumam-se a comel as, porem, não convem dar grandes rações a esses animaes.

Todos os ruminantes comem com avidéz as folhas dessas plantas que fazem augmentar o leite ás vaccas, ás cabras e as ovelhas, apesar de fraco alimento, dando boa saude ás crias.

As hastes que florescem depois de picadas servem tambem de ração, especialmente para os bois de trabalho.

E' uma cultura desconhecida entre nós, mas que poderá vir a ser praticada com resultado nas fazendas onde se estabula gado para haver alimento acquoso no tempo de pasto secco e onde se engorde porcões, criem-se carneiros, cabras e aves.

O. F.

(“O Estado de São Paulo”, 12 - 5 - 27)

(1) N. da R. — O autor quer dizer *porta-sementes*.